

Declínio da agricultura em Cruz das Almas

PROF. DONALD PIERSON

Escola de Sociologia e Política de São Paulo

Na pesquisa que fizemos recentemente, de uma comunidade rural no Estado de São Paulo, (1) observamos que na conversação dos habitantes do lugar ouve-se com frequência a expressão "abandono da lavôra". É impressão geral na comunidade que hoje em dia cultiva-se menos do que antigamente. (2)

O declínio é devido a um conjunto de circunstâncias. A população da área diminuiu nos últimos anos, emigrando tanto indivíduos como famílias. Ainda que a lavoura em uma parte das terras tenha sido iniciada há apenas pouco tempo, após a derruba das últimas matas, a fertilidade do solo nesta parte, como ainda mais a das terras que vêm sendo cultivadas já por décadas, provavelmente tem diminuído de modo considerável, em consequência da lavra consecutiva e da erosão; especialmente desde que são pouco usados os fertilizantes comerciais e raro o emprêgo de adubo animal. Além

1. Sôbre as circunstâncias em que foi realizada a pesquisa em apreço ver o nosso artigo, "O Estudo de Cruz das Almas", publicado em *Sociologia*, Vol. XII, No. 1 (maio de 1950). Trata-se de uma pesquisa que durou aproximadamente dois anos, de fevereiro de 1947 até dezembro de 1948, fazendo ela parte do programa de pesquisas e de treino de pesquisadores em que colaboram o Instituto de Antropologia Social da Smithsonian Institution e a Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Na coleta dos dados fui auxiliado, competentemente, pelos alunos post-graduados e assistentes de pesquisa, Carlos Borges Teixeira, Maria Mirtes Brandão Lopes, Levi Cruz, Juarez R. Lopes, Cecília Maria Sanioto, Lizette Ribeiro Nogueira, Og Francisco Leme, e a minha senhora, Helen Batchelor Pierson. Para a parte do estudo aqui apresentada, contribuíram especialmente Carlos Borges Teixeira e Levi Cruz.

2. Infelizmente não existem dados estatísticos para confirmar ou negar esta impressão geral. Mas não parece haver razão para que dela se duvide.

disso, algumas terras antigamente cultivadas foram transformadas em pastos, sendo a área total destas ainda pequena, porém em crescimento.

No entanto, uma circunstância talvez ainda mais importante no que se refere ao declínio da agricultura, é a inquietação reinante entre os lavradores como consequência das dificuldades experimentadas ao lidarem com o sistema de preços e distribuição de produtos do mercado citadino em expansão, sob condições de guerra e do período de post-guerra.

“Antes eu levava a safra pra vendê em São Paulo no mercado de Pinheiros”, disse um lavrador. “Mais a gente tinha de chegar lá e o intermediário já ficava com deistão por arroba de cebola, ou por saco de feijão, milho ou batata. Isso já era uma comissão que saía pra eles. Com essa comissão ele recebia a mercadoria e ficava com ela pra vendê e dava um paper pra gente como garantia do negócio. Quano tava tudo vendido a gente ia e recebia. Mais despois a coisa já num era feita bem ansim. Quano a gente entregava a mercadoria preles, eles já arrematava ela, pagava um preço pra gente, às veis setenta, oitenta cruzêro e vendia a mercadoria a noventa e cem, além dos deistão que pegava só pra recebê a mercadoria”.

Disse outro lavrador, “Eu sempre procuro i vendê meus produtos em Pinheiros. Mais aprendi uma lição. Uma veis eu deixei de vendê minha cebola aqui no sítio pelo preço de sete cruzêro e cinquenta a arroba e fui vendê em Pinheiros. Cheguei lá o preço maió que achei foi quatro cruzêro; falei com o chófer do caminhão pra i vendê na rua onde ficavam as casas de retalho; pra i até lá ele cobrô mais uma gorgeta senão num ia. Acebei vendeno na base de seis cruzêro e vinte e cinco centavo, isto é, um cruzêro menos do que me ofereceram aqui no sítio, e ainda tive tuda despeza com o caminhão”.

Disse ainda outro sitiante, “A gente travaia no duro; nois prantamo e temo o travaio e as despeza e no fim ficamo com meno do que os comerciante que num fais nada a num sê recebê e vendê a mercadoria. Mais nois num podemo fazê na-

da. Os comerciante tem nois segão na mão deles. E além disso, são unido entre eles e ninguem pode com eles". "Os que trabaia com transporte é justo que ganhe porque fals o serviço", observou outro lavrador, "sem eles a mercadoria num pode sai daqui. Mais num são eles que ganham essa diferença. A cebola por exemplo agora tá seno comprada aqui, pelos compradô de fora, de vinte a vinte e um cruzêro a arroba, enquanto o consumidô em São Paulo pagava até há poco tempo seis cruzêro por quilo e agora na safra paga a treis e cinquenta. Qué dizê que a arroba preles lá era vendida, a noventa, ou a cinquenta e dois como agora, e eles paga pra gente aqui só vinte e um. Se tivesse um geito do lavradô num precisá desses intermediário, nois podia ganhá meió e os consumidô memo, que come as coisa, num precisava pagá tão caro".

E' de facto, considervável a diferença entre o preço pago pelo produto, ao lavrador, e o preço da venda do mesmo na cidade. Por ocasião da colheita de cebola, na época em que foi estudada a comunidade em apreço, os compradores estavam oferecendo, como já foi indicado, de 20 a 21 cruzeiros por arroba, enquanto, na cidade de São Paulo, que dista apenas duas horas de viagem, elas vinham sendo vendidas no varejo a Cr\$ 3,50 o quilo. A diferença portanto, entre o preço pago ao lavrador e o preço de venda a varejo na cidade, representava um encarecimento de 150 a 163 por cento. De modo semelhante as batatas vinham sendo compradas por 120 a 200 cruzeiros a saca de 60 kilos, conforme o tamanho, enquanto na cidade elas eram vendidas no mercado público por 3 e até 5 cruzeiros o quilo. Isto representa um acréscimo de 36 a 52 por cento sôbre o preço pago no sítio. No mesmo dia, o milho estava sendo comprado na comunidade por 45 cruzeiros a saca de 60 kilos, enquanto no mercado público da metrópole estava sendo vendido por Cr\$ 1,30 a Cr\$ 1,40 o quilo. Isto representa um aumento de 73 a 87 por cento sôbre o preço de compra no sítio.

Assim o custo de transportar e distribuir êsses três produtos essenciais, do lavrador ao consumidor a relativamente poucos quilômetros de distância, constitui de 36 a 163 por cento da quantia recebida pelo lavrador. Se se tomar também em consideração o preço alcançado por êsses produtos na cidade de São Paulo depois da temporada da colheita, ver-se-á que a diferença é muito maior. As batatas, que como já dissemos, vinham sendo vendidas pelos lavradores locais à razão de Cr\$ 2,00 a Cr\$ 3,30 o quilo, custaram ao consumidor, nesse mesmo ano, até Cr\$ 6,20 o quilo. As cebolas que o sitiante vendeu por Cr\$ 1,33 o quilo, mais tarde vieram a custar, na cidade, até 8 cruzeiros o quilo. O milho que foi vendido à razão de 75 centavos o quilo, alcançou quase três cruzeiros o quilo, na cidade. . . Mesmo se se tomar em consideração a diminuição no péso que normalmente tem lugar, e que no caso das cebolas é acentuada a falta de meios para armazenagem no sítio, combinada com um sistema dispendioso de distribuição, resulta em uma variação tangível entre o preço pago ao lavrador e o preço pago pelo consumidor.

Um jovem sitiante que nos disse estar perdendo dinheiro com os preços como eram, fez, a nosso pedido a seguinte lista detalhada de suas despesas por tarefa de batatas:

Custo aproximado da produção de batatas por tarefa

- 25 cruzeiros para roçar
- 100 cruzeiros para arrancar os cêpos
- 25 cruzeiros para limpar a tarefa
- 25 cruzeiros para arar
- 5 cruzeiros para gradear
- 25 cruzeiros para arar pela segunda vez
- 5 cruzeiros para gradear pela segunda vez
- 5 cruzeiros para riscar
- 120 cruzeiros por um saco de sementes de batata

- 120 cruzeiros por um saco de adubo (60 kg.)
- 25 cruzeiros para fazer o plantio
- 25 cruzeiros para chegar terra às plantas
- 50 cruzeiros para colher 8 sacos (que é a colheita boa de uma tarefa")
-
- 555 cruzeiros

O lavrador então afirmou que oito sacos de batata ao preço corrente de 60 a 70 cruzeiros a saca, dariam um total de 480 a 560 cruzeiros por tarefa, com uma perda de 75 cruzeiros ou um ganho de 5 cruzeiros em todo o negócio.

Ao considerar êsses dados, deve-se ter em mente que o lavrador apresentou em sua lista a quantia de Cr\$ 100 para arrancar os cêpos, gasto êsse desnecessário em um terreno já em produção; além disso, êle cobrou por seu próprio trabalho, assim como por adubo ou fertilizante, êstes, como já dissemos, raramente usados. Por outro lado deve-se levar em consideração o fato de que as vicissitudes do tempo, a ação maléfica das pragas e as flutuações do mercado podem fazer diminuir quer a colheita quer os preços.

As variações do tempo, que obviamente constituem um risco permanente em qualquer empreendimento agrícola no mundo inteiro, ajuntam-se a incerteza e o senso de frustração do lavrador, embora, não tivesse êle outros problemas a preocupá-lo, seria provável que aceitasse essas dificuldades de ordem natural sem se queixar, tomando-as como parte dos riscos da sua ocupação.

“Em 1940”, disse um homem de meia idade, “15 conto eu perdi na lavôra. Dai pra cá perdi o gosto na lavôra! Nesse ano eu prantei cebola, argodão e batata; nas cebola deu uma praga que a haste vinha até uns 40 centimetro e depois virava pra baixo e a cabeça da cebola rachava, perdi toda a cebola; não sei o que era. O argodão deu a bróca e acabou com

êle e num colhi nada. Nesse ano tamem deu uma chuva braba de pedra quano meu batatá ainda tava verde e acabô com tudo. Perdi toda lavôra e a força (capital) que eu tinha foi de embruio". "A lavôra é um ramo muito bão", disse um rapazinho de quinze anos, do sítio, "mais tá fracassando muito. Este ano choveu demais e engrossô muito o talo da cebola e a cebola memo nada. Os coitados dos lavorista vão tomá um choque. Muitos lavorista prantaram pensano que ia dá alguma coisa e foi engano. Coitados, por que enquanto a cebola vai cresceno eles tamem já tão comeno e bebeno fiado, e agora vão ficá deveno".

Em meio a êsses problemas e frustrações, o lavrador sente-se injustamente tratado principalmente quando compara a sua situação com a dos trabalhadores das cidades, ao ter noticias, por exemplo, dos aumentos nos ordenados dos mesmos, nos anos recentes. Uma queixa constante ouvida entre os lavradores, é: "Num temo garantia". "O govêrno ajuda muito os operário, mais o lavradô vive abandonado", queixou se um deles. "O operário tem tudas garantia; se quebra uma perna ou se fica doente, tem tudos direito do seguro e tudo; o lavradô se acontece alguma coisa pra ele num tem auxilio nem garantia de geito nenhum". Um rapazinho do sítio, com dezessete anos de idade, disse tambem, "O lavradô num tem garantia. Todo mundo se aproveita dele". "Nesta colhêta, ficô valeno cinco cruzêro o sacco de repolho", queixou-se outro rapaz do sitio. "O sacco vesio vale cinco cruzêro, de modos que fica o repolho de graça e perde-se a condução. Se num tivé uma garantia pros lavradô a lavôra vai acabano cada ves mais". E um habitante da vila disse, "Tudo tá diferente do que era. Os lavradô sente que tão desprotegido. O governo devia era se livrá desses tubarão (3) da cidade, essa turma toda de intermediários".

3. Expressão de gíria para designar os "aproveitadores".

A medida que muda na comunidade o tipo principal de utilização do terreno, passando da agricultura para a pecuária, surgem queixas dos lavradores contra a competição dos criadores. Conforme observou um lavrador, "Ôtra coisa que escangaia com o lavradô são as invernada. A gente tem que cercá tuda a terra pro gado num entrá e comê as plantação. Com o arame e os morão de cerca no preço que tá num tem sitiante que possa cercá um sítio intêro. As invernada tão acabano com os pequeno lavradô". Queixou-se outro sitiante, "A lei exige que o criadô feche seu pasto. Mais o que se costuma fazê é a divisão da cerca com a metade da responsabilidade pra cada vizinho. E se o gado passa a cerca e vai comê a plantação, o criadô seno obrigado a pagá, por lei, manda avaliá o estrago. Mais ninguem sabe quanto poderia dá aquela colhêta, e o lavradô fica prejudicado. O que acontece então é que quano o criadô chega, o agricultor vai embora". "Os criadô", disse um rapaz do sítio, "cercam uma imensidade de terreno e como nas invernada num necessita de caminho porque o gado saem por quarquê trio, eles num fais estrada e fica mais difícir pra nós levá as colhêta pro mercado".

Estas várias frustrações vêm fazendo com que muitos lavradores diminuam o tamanho de suas áreas de plantío. Quando se visita os sítios da comunidade, ouve-se cada vez com mais frequência a ameaça de "prantá só pro gasto", ou a declaração de que isso já vem sendo feito. Ao mesmo tempo, a inquietação produzida por essas incertezas e desapontamentos, está levando os lavradores, e particularmente seus filhos, a pensarem sêriamente no abandono da lavoura, e a efetuarem realmente.

E' entre os moços que se nota primeiro e com maior intensidade essa inquietação; alguns deles conhecem as vantagens da vida fora da comunidade desde a ocasião em que estiveram prestando serviço militar. Assim um jovem lavra-

dor, solteiro, declarou, "Eu tô aqui só memo por causa do veio. Quano eu tava no exército aprendi a guiá um caminhão e podia ganhá a vida de ôtro geito, mais só, num saio daqui pra num largá o veio ai sozinho". Descontentamento dessa mesma natureza é patente nas observações feitas por outros moços, tais como:

Um jovem lavrador de vinte e três anos, casado:

"O home mais desvalorizado que tem é o lavradô, ninguém dá valor ao nosso serviço. Oia que num sór desse a gente fica bateno enxada na terra dura pra no fim num tê nada... O tempo às veis ajuda, mais às veis atrapaia. O pió é que o produto nunca tem preço. Quano a pranta tá verde ainda os preço tão bão, quano a pranta amadurece e chega no ponto de coiê a gente num acha preço mais; quano tem preço é proque num tem produto. Já fais um ano que tô procurando ôtro geito de tocá a vida. Quarqué serviço que dê meió rendimento serve. A gente tá costumado na lavôra, esse é o serviço nosso. Tô contente viveno aqui neste lugá, só mudarei memo por causa do serviço. O qué que a gente vai fazê?"

Um rapaz do sitio, de dezenove anos de idade:

"O lavradô trabaia o ano todo prantando, limpano, colheno, mais recebe pôco. Proque o que percisa comprá é tudo caro e quano coie tem que vendê por preços baixo, suas mercadoria, porque tem que pagá o que já comeu. Prá compra ferramenta e começá novas lavôra. As veis deixa de prantá certas pranta, que formiga come, proque num pode comprá formicida e apareio de matá. As veis num pode comprá adubo, semente, surfato e ôtras droga que são indispensave à lavôra. Num pode tocá grandes lavôra porque os negociante num qué fornecê. Os negociante tem razão, proque se a pranta faia o lavradô num pode pagá, e cortá o pescoço dele num adianta. Ôtra coisa que torna a lavôra difícir são as estrada

ruim. Os lavradô sabe que subiu o preço de tar ceriá se apres-
sa a organizá um caminhão pra levá. No dia que carregam
o caminhão cai uma chuva e pronto... já tá impedido o tran-
sito. Tudo ano no meis de abrir, fazem reunião afim de con-
certarem a estrada; mais, com umas duas chuva elas tão ruim
ôtra veis”.

Um rapaz do sitio, com dezesete anos de idade:

“A vida do lavradô é mais difícir do que quase todas as
ôtra vida. Ele trabaia deis hora por dia, toma só e chuva,
dano o seu sangue pros mosquito chuparem. Arguma veis
ele derrama o seu suó e num ganha proque o tempo num cor-
re bem. Ele num tem garantia de maneira arguma. O pes-
soar da cidade trabaia pôcas hora, tem férias e leva uma vi-
da muito mais forgada”.

Um outro rapaz do sitio com dezesete anos de idade:

“Quano o preço das mercadorias sobe os empregado fais
greve dizem que tá muito caro e querem que aumente o pre-
ço dos seus emprego. E o lavradô nunca fais uma greve si-
que quano as mercadoria que ele vende fica barato. Coitado
dos lavradô que sofre tanto e fica na mema”.

Um rapaz do sitio, com dezeseis anos de idade:

“Os lavradô são quem sustentam o Brasir intêro e ansim
memo acham que os lavradô num prestam, só os empregado
que prestam. Eles pedem aumento, só vão aumentano. Tra-
balham só umas horas por dia. Mais os lavradô se querem
comê tem que trabaia a semana intêra e vivem numa misé-
ria. Eles tem tudo o que é bão na casa deles; não farta nada.
Eles podem fazé o que qué e quano qué. O governo num en-
xerga nada disso, o que ele qué é por imposto e mais imposto
pro lavradô pagá”.

Um rapaz do sitio, com dezenove anos de idade:

“O lavradô travaia um ano e mais ôtro e nunca consegue miorá sua situação. Desacorçôa e vai procurá um serviço grosseiro mais que dê pra sustentá a familia. Quano vem a carestia dos genero e o preço deles fica enorme, o governo põe tabela nos preço das mercadoria. A tabela é pros negociante mais quem paga é o lavradô. Esses home que compra as nossa mercadoria tem um lucro danado, memo com os preço tabelado. Eles nunca perde, pode ficá certo! Eles paga mais barato pro lavradô e sempre vai ganhando o memo. Quem é que pode curpá os lavradô de abandoná a lavôra?”

Um rapaz do sitio, com dezoito anos de idade:

“Pros lavradô travaia com ânimo era preciso que tivesse uma garantia pelo governo, alguma coisa que garanta que eles num saia perdeno quano o tempo tá ruim; era necessário que fornecessem os lavradô até a coieta. O governo podia fazê um tabelamento em tudos ceriar pra num podê comprá por menos daquele preço posto pelo governo. Só ansim os lavradô podiam continuá com a lavôra. Como está os lavradô tem tuda razão de abandoná a lavôra proque num tem garantia de manêra alguma. Tarveis quano começá a fartá o que comê na cidade, eles trate de dá um geito”.

Segundo dizem os sitiantes que contratam trabalhadores para suas roças, o trabalho por estes produzido é menos eficiente que o de antigamente. “Ninguem mais qué travaia”, queixou-se um sitiante. “Eu passo mar pra lidá com meus camarada”. “A rapaziada agora”, observou outro, “num qué sabê mais de pegá no pesado. Acham que a vida na lavôra é muito dura para eles”.

E' nesta situação de inquietação crescente que estão começando a penetrar as notícias do que aparenta ser a vida mais vantajosa das cidades, como se vê em algumas das afir-

mações acima citadas. Ainda que nesta área a atração pela metrópole de São Paulo no passado, tenha sido pequena, está agora aumentando e pode bem ser que logo seja sentida com força suficiente para alterar patentemente a vida da comunidade.

Começando em fins do século dezenove e recebendo seu maior impulso por volta de 1915, surgiu em São Paulo e seus arredores, como se sabe, o principal centro manufatureiro da América Latina. Esse desenvolvimento foi acompanhado por um considerável aumento de população, em parte devido ao crescimento natural, mas mais particularmente à emigração da Europa e das áreas rurais, especialmente do interior do Estado. Dêste modo, a cidade que em 1890 tinha apenas uma população de 64.000 pessoas, é agora uma metrópole com mais de dois milhões de habitantes. A procura de produtos manufaturados, os quais anteriormente eram importados da Europa e cujo fornecimento foi interrompido durante a Primeira Guerra Mundial, deu ímpeto a esse movimento, o qual ainda se acentuou mais recentemente, por ocasião da Segunda Grande Guerra. A procura de mão de obra aumentou de uma maneira patente e os ordenados acompanharam esta procura, aumentando cada vez mais até que vieram a constituir, para os habitantes rurais que deles ouviam falar pela primeira vez, e que ignoravam o custo de vida crescente das cidades grandes, uma atração por vezes irresistível, à qual eles sucumbiam, emigrando para as mesmas em número considerável. Esta migração reduziu consideravelmente o número de lavradores em certas áreas rurais, sendo sua ausência de modo nenhum compensada pelo uso de máquinas que economizassem trabalho. Como consequência disso, diminuiu a produção de alimentos. Ao mesmo tempo, o aumento da população da metrópole tornou maior a procura por alimentos, procura essa que não vem sendo devidamente suprida, em consequência da falta de estradas, de transporte, e da organização necessárias, de outras áreas do Brasil onde há excesso de produção. Por consequência, os preços dos gêneros na me-

trópole, auxiliados pela inflação existente, subiram a níveis sem precedentes.

Qualquer outra redução de produtos agrícolas tornará mais aguda a falta de gêneros alimentícios que já vem se verificando nos níveis de preço da cidade de São Paulo, especialmente se, ao mesmo tempo, a população da área metropolitana continuar a crescer. Ainda que essa falta de gêneros não se torne tão aguda como predisse um residente local, quando disse, "há de chegá o dia em que tudo o pessoal da cidade receba um maço de dinheiro dos patrão e num tenha comida pra comprá", o problema do alimento na cidade é um problema sério e está se tornando cada vez mais sério.

O NOVO DIRETOR DO INSTITUTO DE BOTANICA DE SÃO PAULO

Por Decreto de 12-3-1952, do Governador do Estado, foi nomeado o Eng^o. Agrônomo Dr. Armando dos Santos Leal, diplomado pela E. S. A. "Luiz de Queiroz", para Diretor do Instituto de Botânica, em substituição ao Snr. F. C. Hoehne, grande cientista brasileiro, aposentado por ter atingido o limite de idade.

A Revista de Agricultura cumprimenta cordialmente o novo Diretor do Instituto de Botânica que tomou posse no dia 21-3-1952.